

JUVENTUDES NUMA ESCOLA DE PERIFERIA: BUSCANDO UMALENTE SOCIAL PARA TRABALHAR O COTIDIANO ESCOLAR/PEDAGÓGICO

IN A SCHOOL IN A MARGINALIZED ARCA: SEEKING A SOCIAL LENS FOR WORKING WITH DAILY SHCHOOL/PEDAGOGICAL EXPERIENCIES

JÓVENES EN UNA ESCUELA DE UNA ZONA MARGINADA: BUSCANDO UNA PERSPECTIVA SOCIAL PARA TRABAJAR CON LAS EXPERIENCIAS ESCOLARES/PEDAGÓGICAS DIARIAS

Rejane Baptista do Nascimento

Doutoranda em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rejanebaptistapedagoga2@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo identificar como as pessoas enxergam os jovens hoje, como as políticas públicas tratam esse público, perceber os conceitos de juventudes na atualidade, bem como identificar essas culturais jovens e buscar ferramentas pedagógicas para que essa cultura seja aproveitada e utilizada também como uma potente fonte de ensino/aprendizagem dos conteúdos do currículo. Pensar a metodologia projetos como um impulsionador dessas novas práticas que vão além do ensino tradicional. Um caminho possível seria a pesquisa participante/pesquisa-ação, onde os jovens têm oportunidade de pesquisar e intervir na realidade estudada. Para tanto, buscamos os referenciais de: Bourdieu (1997), Franco (2005), Goldenberg (2006), Alencastro (2008), Carrano (2011), Sposito (2011), Saviani (2011), Nogueira (2013), Cortella (2013), entre outros para apoiar essa discussão. E por fim, propusemos algumas reflexões de como resistir a essas classificações almejando trabalhar pedagogicamente de forma diferenciada com essa geração que tanto nos desafia e nos impões novos olhares e novas práticas, a partir de um relato de experiência de uma escola pública no município de Maricá, no Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Juventudes. Classes Periféricas. Políticas Sociais e de Formação. Cultura Juvenil. Mundo da Escola.

ABSTRACT

This article aims to identify how people perceive young people today, how public policies address this demographic, understand contemporary concepts of youth, identify youth cultures, and seek pedagogical tools to leverage and utilize this culture as a powerful source for teaching and learning curriculum content. It considers project-based methodology as a driver of these new practices that go beyond traditional teaching. One possible approach is participatory research/action research, where young people have the opportunity to research and intervene in the studied reality. To this end, we draw on the references of Bourdieu (1997), Franco (2005), Goldenberg (2006), Alencastro (2008), Carrano

(2011), Sposito (2011), Saviani (2011), Nogueira (2013), Cortella (2013), among others, to support this discussion. Finally, we proposed some reflections on how to resist these classifications, aiming to work pedagogically in a differentiated way with this generation that challenges us so much and imposes new perspectives and new practices, based on an experience report from a public school in the municipality of Maricá, in the State of Rio de Janeiro.

Keywords: Youth. Marginalized Classes. Social and Educational Policies. Youth Culture. The World of School.

RESUMEN

Este artículo busca identificar cómo se percibe a la juventud actual, cómo las políticas públicas abordan este grupo demográfico, comprender los conceptos contemporáneos de juventud, identificar las culturas juveniles y buscar herramientas pedagógicas para aprovechar esta cultura como una valiosa fuente para la enseñanza y el aprendizaje del currículo. Se considera la metodología basada en proyectos como un motor de estas nuevas prácticas que trascienden la enseñanza tradicional. Un enfoque posible es la investigación participativa/investigación-acción, donde los jóvenes tienen la oportunidad de investigar e intervenir en la realidad estudiada. Para ello, nos basamos en las referencias de Bourdieu (1997), Franco (2005), Goldenberg (2006), Alencastro (2008), Carrano (2011), Sposito (2011), Saviani (2011), Nogueira (2013) y Cortella (2013), entre otros, para fundamentar este análisis. Finalmente, propusimos algunas reflexiones sobre cómo resistir estas clasificaciones, con el objetivo de trabajar pedagógicamente de manera diferenciada con esta generación que tanto nos desafía e impone nuevas perspectivas y nuevas prácticas, basándonos en un informe de experiencia de una escuela pública del municipio de Maricá, en el estado de Río de Janeiro.

Palabras-clave: Juventud. Clases Marginadas. Políticas Sociales y Educativas. Cultura Juvenil. El Mundo Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Juventude foi logo um tema que me chamou atenção, por dirigir uma escola de Fundamental 2, localizada no município de Maricá, onde o público alvo são: adolescentes, jovens e adultos. E os anos atendidos no regular são do 6º ao 9º, e na Educação de Jovens e Adultos da 1ª a 9ª fases, que correspondem a o 1º a 9º anos.

Embora Maricá hoje, seja considerada um município das oportunidades, onde a prosperidade em se morar seja sinônimo de várias políticas sociais de desenvolvimento e renda, o distrito em que atuamos, o 3º distrito, é conhecido

pelas suas mazelas sociais e por uma população de baixa renda com pouco nível de escolarização. Não é a toa que um dos maiores conjuntos habitacionais, o "Minha Casa Minha Vida" esteja localizado em nosso território, Inoã.

Rapidamente, podemos traçar um panorama de Inoã. O bairro Inoã, e possui um centro comercial às margens da Rodovia Amaral Peixoto, onde oferta muitos serviços, e que comporta alguns bairros adjacentes de menor importância, como: Spar, Calaboca, Chácaras de Inoã, Santa Paula, Bosque Fundo e Cassorotiba. Em seu entorno, algumas comunidades carentes, como: o Risca Faca, Bananal, Beira Rio, Sem Terra, Gramado, de onde a maioria dos nossos alunos advêm do conjunto habitacional "Minha Casa Minha Vida" de Itaipuaçu. A mobilidade de ônibus gratuitos faz com que nossos alunos também migrem de bairros mais distantes para o nosso.

Em Inoã, temos 3 escolas estaduais e 6 escolas municipais. O bairro possui uma Unidade de Pronto Atendimento 24 horas que presta serviços de saúde para os moradores da região.

E com o aumento da população, de um modo geral, com um fluxo intenso migratório para Maricá, temos observado, além do crescimento populacional, o aumento da violência e criminalidade nos últimos anos, segundo dados do relatório de segurança pública de 2020, da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro.

Estando na direção geral desta escola desde 2022, e como Orientadora Educacional desde 2018, visualizamos a mudança de público e comportamentos ao Educacional desde 2018, ao longo desses anos. Na escola, presenciamos diariamente o aumento desta violência, que muitas famílias enfrentam, e acabam por adentrar aos muros da escola em forma que muitas famílias enfrentam, em forma de respeito e resistência às regras de uma forma geral. E observando esse cotidiano difícil, que buscamos um relato de experiência, para a partir dele, pensarmos estratégias possíveis de superação destes dilemas, com lentes sociais para entender com humanidade os conflitos de ambos os lados: lado da família/alunos e lado da equipe pedagógica da escola como um todo. equipe pedagógica da escola como um todo.

Iniciamos o texto com uma reflexão que nos pareceu muito convidativa, partir de um diálogo com o responsável de uma aluna, onde o mesmo verbalizava em seu relato:

"Minha filha está tendo problemas aqui. E o Orientador Educacional (OE) dizia: quais problemas? Ele respondeu: você sabe a fama que essa escola tem. Eu coloquei minha filha aqui por falta de vaga na escola vizinha. E o OE argumentando: mais o que o sr. conhece a escola, os projetos? ou está baseado somente ao que ouviu falar aí fora? Nem conheço os projetos, respondeu, mas você sabe o ambiente aqui não é bom ... não é a escola. E o OE prosseguiu: que pessoas? Ele respondeu: pessoas que não são boas para estar perto da minha filha, pessoas de comunidade. (Falas do responsável e do Orientador Educacional, presenciada pela Direção Geral em uma reunião solicitada pelo responsável)".

Isso nos leva a pensar em alguns conceitos iniciais para tentar compreender o pensamento deste responsável: juventude/juventudes, classes populares, área de risco social, comunidade e favela social, comunidade e favela, escola pública e políticas públicas sociais.

O foco principal deste artigo é identificar como a maioria das pessoas enxergam os jovens hoje, como as políticas públicas tratam esse público, e por fim, como o processo educativo pode contribuir para que a escola, a partir deste entendimento do que é ser jovem possa produzir práticas pedagógicas que acolham esse jovem, auxiliem no processo de sociabilidade entre seus pares e os adultos, e como o currículo pode favorecer a que esse jovem se sinta pertencente da sociedade e autor do seu próprio futuro.

Vemos uma dificuldade também da escola, por vezes, entender essa geração e os conflitos geracionais que ela impõe, muitas vezes com professores com o triplo de suas idades, com histórias de vida que precisam ser respeitadas, mas que têm uma enorme dificuldade em compreender o jeito de estar no mundo deste público específico.

E o que fazer para que esses mundos se encontrem, e para que uma ruma relação dialógica favorável se estabeleça?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Pensando a Juventude/Juventudes a Partir de um Território

Os efeitos produzidos por um lugar, o qual habitamos, se referem às influências que esse ambiente físico e/ou social de uma determinada localidade, imprimem sobre as pessoas que nele vivem, convivem ou passam.

Ouvimos todo o tempo sobre os meninos que são dos "predinhos" que não são bons meninos. Será que a juventude do Flamengo (bairro nobre de Maricá) é vista da mesma forma da juventude dos conjuntos habitacionais? Por que não o são? Por que o preconceito estampado quando comparamos esses jovens? Que tipo de território e que tipo de juventudes estamos tratando?

Quando fazemos o recorte de onde essa escola está inserida, e que tipo de público atende, precisamos verificar quais as ações desse território/local na vida desta comunidade como um todo. Voltamos na fala do responsável citado anteriormente: *"esse não é um ambiente bom para minha filha porque não tem pessoas boas."* A partir de que referencial ele está pautado para categorizar os alunos desta escola em questão? Trazemos Bourdieu (1997) que fala em sua obra sobre os "efeitos do lugar".

Esse autor, nos faz refletir sobre onde você está ligado territorialmente carrega consigo um estigma daquele próprio lugar. Em outras palavras, se um menino mora em um conjunto habitacional popular, como temos dois em nosso município, traz consigo o estigma da violência, ligadas a coisas negativas como: marginalidade, falta de educação etc., como temos vários de nossos alunos, e o simples fato de habitar lá já seria classificado por essas características ditas ruins pelo padrão da sociedade vigente. Antes de buscar entender como hoje é o ser jovem no mundo, precisamos deste recorte social, pois ele tem um peso nessa "classificação" de que tipo de jovem estamos nos referindo. Note como Paiva e Burgos (2009, p. 28) nos ajuda a clarificar esse pensamento:

Os 'efeitos do lugar', aquele que Bourdieu define como a justaposição das posições sociais definida por 'hierarquização' dessas posições se mostra aí em sua plenitude: o espaço social da favela, estigmatizado, não pode produzir efeitos positivos do lugar, uma vez que 'degrada simbolicamente' os que habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privado de todos os trunfos

necessários para participar dos diferentes jogos sociais, ele não tem em comum senão sua excomunhão.

Essa ideia está ligada muito ao conceito de favela e comunidade, como um espaço com as pessoas que por morar e conviver ali acabam:

Sendo associadas a essas representações negativas, o que dificulta o estar na sociedade, no trabalho e na escola. O termo comunidade é utilizado no sentido ideológico para designar esses lugares como resultado de um crescimento urbano desordenado, onde os menos favorecidos acabam por ocupar localidades distantes dos grandes centros e com falta de serviços básicos públicos, reflexos da estrutura desigual de classes no capitalismo (Nascimento, 2016, p. 29).

Ainda complementando esse pensamento, Tavares (1992, p. 24) diz que:

(...) a ideologia de comunidade encarregar-se-ia de (re) alimentar no imaginário social, a perspectiva de uma nova forma de organizar a vida dos setores excluídos da sociedade, conquistando uma dimensão muito ampla ao conjunto das políticas públicas do Estado, à medida que visaria amortecer as reivindicações de grandes segmentos da sociedade por seus direitos sociais fundamentais, respondendo paulatinamente, de forma mais barata e diferenciada as demandas básicas das camadas populares.

A escola precisa trabalhar nesse sentido, de que esses estigmas não ultrapassem seus locais de origem e venham classificá-los dentro da escola. No ambiente escolar todos são jovens que necessitam de orientação e precisam ser estimulados à produzir coletivamente.

2.2 Juventude ou Juventudes?

Diferenciar esses dois termos "juventude" e "juventudes" tem a ver com a forma como eles são utilizados comumente, no simplismo do senso comum: juventude, para descrever a fase da vida e juventudes, para expressar as experiências dos jovens que está intimamente ligado ao conceito de cultura que eles produzem.

Podemos dizer que a percepção de juventude como um período de transição e desenvolvimento através de mudanças físicas, emocionais e sociais, já juventudes hoje é múltipla, diversificada, e cada visão vai levar em

consideração fatores desta observação que podem ser para além de: idade, gênero, onde moram, classe social a que pertencem e o modo como se relacionam, mas suas vivências individuais e coletivas no território.

Partindo deste pressuposto, podemos entender que hoje não poderíamos falar de uma juventude, mas de juventudes no plural, como a própria literatura nos encaminha: Goldenberg (2006), Alencastro (2008), Carrano (2011), Sposito (2011), Saviani (2011), Nogueira (2013), Cortella (2013). Juventudes no sentido de pluralidade de experiências, de sua cultura, das identidades juvenis, onde não há somente uma forma de ser jovem, mas existem várias maneiras de o sê-lo. Explicando o fenômeno contemporâneo onde se identifica uma diversidade e complexidade nas experiências juvenis, e não apenas uma fase da vida que é caracterizada pela transição da infância para a vida adulta, onde o jovem seria visto mais como um problema social que precisa ser ajustado à sociedade do que um produtor de sua cultura local, um pensador.

Podemos a partir do conceito de favela e comunidade, perceber a movimentação desses jovens no território. Os jovens de comunidade tendem a sentir um forte sentido de *pertencimento* e trabalham para o seu desenvolvimento, como vemos em vários movimentos nos condomínios habitacionais "Minha Casa Minha Vida" próximos da escola: MPJ (Movimento Popular de Juventude), esportes dentro e nos arredores e na própria escola, fortalecimento de movimentos estudantis como a UMES (União Maricaense dos Estudantes) que participa ativamente dos Grêmios Estudantis em parceria com a escola, e alguns movimentos de empreendedorismo, muitos em parceria com a própria prefeitura por meio de algumas secretarias.

Além disso, preservam suas tradições e história da comunidade que estão inseridos, transmitindo aos outros jovens esse sentimento de respeito pela tradição. Por meio disso fortalecem os laços de solidariedade e engajamento em atividades comunitárias, muitas vezes em ações voluntariadas dentro da comunidade.

Esses potenciais desenvolvidos na comunidade, nem sempre são identificados na escola. Como na comunidade a liderança e participação podem torná-los líderes e participar de processos decisórios importantes na vida da

escola que podem mudar a vida de vários outros jovens, criando soluções para dilemas que surgem todos os dias na própria escola com inovação e olhar diferenciado dos adultos. E o mais importante é a preservação da cultura e tradições locais que podem ser transmitidas de forma geracional, mas que podem escrever outras histórias na escola, no território e na vida, construindo uma identidade específica para estes grupos.

3 METODOLOGIA

Entendemos os jovens como construtores do conhecimento produzido nos vários espaços sociais: casa, religião, movimentos sociais e na escola. Partindo disto, pensamos que uma metodologia possível para adequar as demandas sociais que eles trazem e os conteúdos que precisam ser trabalhados no currículo, seria a pesquisa participante.

A pesquisa participante na escola, exige uma abordagem metodológica onde toda comunidade escolar participa ativamente dos passos a serem elaborados, alunos, professores, e todos os membros envolvidos nesse processo. Essa promoção trabalha a participação coletiva com colaboração, reflexão crítica dessa realidade, e uma intervenção prática onde atua.

Ela pressupõe etapas para resolução de questões localizadas no ambiente escolar:

- identificação de um problema: procurar na prática cotidiana um problema a ser resolvido. E a partir dele, a construção de conhecimentos novos; Exemplo: na região enfrentamos o problema de falta de água constantes, principalmente quando o calor aumenta. Isso gera uma série de questões, tais como: uniformes sujos ou a falta dele naquele período; questões de higiene etc.;
- planejamento: delimitar os caminhos da pesquisa, ou seja, definição dos objetivos, seleção dos métodos a serem aplicados (entrevista, questionário, observação do cotidiano, entre outros);
- análise dos dados: analisar os dados coletados e interpretá-los;

- Ação e transformação – de posse dos dados coletados e feita as análises, indicar ações de intervenção para solução dos problemas encontrados. E, ainda que não se consiga todas as soluções, cabem reflexões para alcançar os objetivos futuramente.

Esse processo de pesquisa se faz muito importante, por proporcionar aos alunos a experiência de vivenciar um projeto de pesquisa, e de poder intervir em sua própria realidade escolar. Isso trabalha a responsabilidade, a autonomia, o protagonismo e a capacidade acadêmica de cada um.

Segundo, Franco (2005, p. 486-487):

A pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio de etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes do processo. Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isso que tal metodologia assume um caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos.

Pensar na pesquisa participante ou pesquisa-ação é projetar uma nova metodologia, onde os alunos possam se colocar cada vez mais a autonomia e protagonismo de nossos jovens.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 E o que a Escola Pode Contribuir para a Formação Destas Juventudes? A Escola Seria essa Lente?

A metodologia pedagógica a ser utilizada com as várias juventudes que nos vêm sendo apresentadas hoje pode ser caracterizada por uma busca entre a combinação da teoria e da prática, transformando em uma praxis pedagógica, ou seja, uma prática pensada, refletida, reinventada com a finalidade de desenvolver de forma integral esse jovem.

A escola vem passando por fases, onde as visões de como esta instituição pode colaborar na vida dos educandos. Inicialmente, o que se tinha era uma visão *tradicional* do processo educativo, onde a escola era comumente um espaço de transmissão do conhecimento acumulado historicamente, onde deveria preparar esses sujeitos para assumir compromissos na vida adulta. Nesta perspectiva, eles seriam receptores passivos de valores e conhecimentos adquiridos, e seriam moldados e condicionados para exercerem o papel de cidadãos produtivos no mercado de trabalho. Caminhamos para uma perspectiva *crítica* da educação, onde a escola já passaria a ser um espaço de construção do conhecimento e seriam cidadãos agora com identidades, estimulados a explorar, a criar e ter autonomia social.

Na modernidade ou pós-modernidade, a escola já seria um local de múltiplos saberes e diversidade, onde essas juventudes são vistas como capazes de lidar com as complexidades e incertezas do mundo e desafiados a propor soluções de forma mais autônoma e independente. Agora, perguntamos: todos os jovens de hoje, de todas as classes estariam aptos a essa educação? Que tipo de trabalho ou de lente, precisaríamos para trabalhar as classes populares para alcançarem essas mesmas oportunidades?

De acordo, com esta evolução a educação precisaria ter ferramentas pedagógicas capazes de estimular esses jovens a esses novos desafios desenvolvendo abordagens que sejam planejadas de forma flexível aos interesses desses jovens, estimulando essa autonomia, criatividade, senso crítico da realidade de modo a intervir nela.

Além disso, instituir parcerias com outras instituições para completar essa formação integral, além de aproveitar os saberes que eles já trazem da comunidade para escola em suas experiências de vida em seus territórios, muitos até que já trabalham, e tem outros conhecimentos para além do que são ensinados no currículo. Coutinho (1982), traz o pensamento do autor italiano, educador e militante político, Antônio Gramsci, na proposta de uma escola que ele chamava de "Escola Unitária", proposta de uma formação humanista e de cultura geral com acesso e permanência na escola, assegurada pelo Estado.

Esse autor possui uma dimensão educativa nas relações pedagógicas para possibilidades de uma ação transformadora no presente.

A primeira lente da escola deve ser o olhar humanizador que precisaremos ter para aproximação e diálogo com essas juventudes, fazendo com que primeiramente eles sejam vistos e acolhidos. Segundo Carrano (2011, p. 44):

Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais.

A segunda lente é o conhecimento do território que eles estão inseridos. Nossa escola já está estudando o território de Inoã, onde a maior parte do nosso alunado vive, desde o projeto anual de 2024. E o projeto foi tão interessante para a comunidade escolar que no feedback de gestão que fazemos todos os anos, quando perguntados no googleforms, qual o tema do projeto anual para 2025, a maior pediu que continuássemos a aprofundar o estudo de Inoã. Essa foi uma surpresa para a equipe diretiva, pois cada dia mais temos a certeza de que o pertencimento local de toda equipe escolar, faz com que os conteúdos do currículo ganhem mais sentido para os jovens. Todas as narrativas que produzidas a partir do estudo de campo do território e as atividades produzidas no projeto anual de 2004 estão disponíveis no site do projeto¹.

A terceira lente é o conhecimento de si mesmo. Somente se conhecendo individualmente é que poderemos acreditar mais em nossas potencialidades. E junto com essa a quarta lente, o conhecimento do outro. Entendendo a si e ao outro, e transformando esses conhecimentos em potencial coletivo, as juventudes intervirão de forma bem mais assertiva e responsável no seu território, e construindo um mundo melhor investindo nas relações e nas humanidades, e por consequência disso, cuidando do meio ambiente, da nossa mãe terra, que nossa proposta de projeto anual de 2025.

¹ www.narrativasdeinoã.com

E a quinta lente, a educação, não pode estar dissociada de cultura. Entendemos como o caminho possível a união do território escolar com o território cultural das juventudes, refletidas em propostas pedagógicas inovadoras que vão para além dos conteúdos curriculares obrigatórios, mas que nos ajudam a instrumentalizá-los para a vida em sociedade como um todo, uma educação integral, e não necessariamente, numa ampliação de carga horária, mas com conteúdos significativos que os façam voar além.

Segundo Carrano (2011, p. 45-46), um dos conceitos de cultura pode ser expresso da seguinte forma:

(...) compreendemos a cultura como um conjunto de atribuições, trocas simbólicas (muitas vezes conflituosas) e resistências ativas em que cada grupo se faz presente. A cultura dá lugar às culturas e essas efetivamente se hibridizam no entrelaçamento dos múltiplos sujeitos que se organizam socialmente. (...) Observa-se que tanto a cidade quanto a escola constituem locais de culturas entrecruzadas apresentam-se como espaços híbridos não só pela presença dos vários grupos, mas também pelas expressões e mesclas culturais dos espaços urbanos carregados de contradições e que se expressam no espaço escolar.

E por fim, a sexta e última lente registrada: a importância da formação docente em serviço. Muitos professores, necessitam de orientação para planejamentos mais colaborativos e coletivos com a participação desses jovens. A escolha dos temas e desenvolvimento deles em temas de pesquisa precisam dialogar com os conteúdos a serem ensinados por bimestre. A escola criou os “Círculos de Estudos Darcy Ribeiro” no ano passado, onde essa formação acontece on line, uma vez ao mês para dar suporte ao projeto anual da escola. Essas formações estão gravadas no canal do YouTube da Secretaria Municipal de Educação².

5 CONCLUSÃO

Como encaminhamentos a serem pensados, a partir deste artigo, o primeiro é que as juventudes enfrentam desafios muito significativos no mundo contemporâneo, como crise no trabalho, nas formas de empregabilidade, o que

² <https://youtube.com/@formacaoeducacaomarica?si=PYSvITjI3AFxBT60>

gera um futuro incerto, já que todos precisamos do trabalho como modo de sobrevivência, em primeira instância.

A segunda, eles enfrentam muitas vezes exclusão social, justamente pelas suas origens e por sua raça e gênero, sem contar que muitos não conseguem sequer completar seu ciclo de estudos (não completam o Ensino Médio, ou completam com sacrifício, e muitas vezes não cheguem sequer no Ensino Superior, pelas dificuldades descritas durante todo o artigo).

A terceira, a que se ter políticas públicas realmente eficazes para suprir essas dificuldades encontradas para que os jovens consigam prosseguir e ter dignidade em suas vidas e famílias. Neste caso, reafirmamos que junto com essas políticas públicas, também a escola tem um peso enorme no incentivo e formação omnilateral (apreensão dos conteúdos do currículo base, mais os conteúdos práticos e profissionalizantes) para que eles se sintam capazes de ocupar qualquer posto na sociedade.

E por fim, a juventude pode ser a mudança que esperamos, mas necessitam de apoio e investimento para que possam alcançar e manter seu potencial na escola, no trabalho e no mundo.

A escola pode ser esse grande impulsionador de ações hoje no micro, mas que poderão levar esses jovens a serem participantes e atuantes na sociedade em que vivem, não sendo meros reprodutores, mas como indivíduos críticos que intervenham na realidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. *In.*: BOURDIEU, Pierre. (org). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

COUTINHO, Antônio Nelson. **Antônio Gramsci**: os intelectuais e a organização da cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. *In.*: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez, 2005.

GONTIJO, Rebeca. História, Cultura Política e Sociabilidade Intelectual. *In.*: SOIHET, R.; BICALHO, M; GOUVÊA, M. **Culturas políticas**: ensaios da

história cultural, história política e ensino de História. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, p. 259-284, 2005.

LECCARD, Carmen; FEIXA, Carlos. O conceito de gerações nas teorias sobre juventude. In: **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 25, n. 2, maio-ago, p. 185-204, 2010.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo César Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. In.: **Educação**. Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan/abr, 2011.

NASCIMENTO, Rejane Baptista do. **Um estudo de caso sobre o Projeto Amo Salgueiro em São Gonçalo (RJ)**: histórias e memórias de vinte anos de formação cultural em São Gonçalo, 2016, 150 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (orgs). **A escola e a favela**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2009.

RIO DE JANEIRO, Secretaria de Estado de Segurança do Rio de Janeiro. **Relatório de Segurança Pública (2020)**, 2020.

SPOSITO, Marília Pontes (coord). Estudos sobre juventude em educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5/6, p. 37-52, maio/dezembro (número especial sobre juventude e contemporaneidade), 1997.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 24, setembro/dezembro, 2003.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. **Caminhos e descaminhos da educação paralela**: um estudo sobre cotidiano das creches e escolas comunitárias da favela da Maré. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1992.